

Proletários de todos os Países: UNI-VOS!

O Militante

BOLETIM DE ORGANIZAÇÃO DO P.C.P.

Melharemos o nosso trabalho conspirativo!

UM DESASTRE

QUE DEVERÁ SER UMA LIÇÃO

GES
PCP

O desastre que acaba de ferir fundamente o nosso P., arrebatando-lhe alguns dos seus melhores militantes, entre os quais Alvaro Cunhal (Duarte), amigo querido dos trabalhadores portugueses e militante destacado da Direcção Central, exige que em todos os escalões partidários se faça um balanço consciencioso do nosso trabalho conspirativo.

Os desastres graves que acabamos de sofrer mostram-nos que o trabalho conspirativo do P. nem sempre tem sabido acompanhar a sua rápida evolução orgânica nem o agudizar da situação política nacional e internacional. Esses desastres dizem-nos também que esse atraso na nossa defesa conspirativa não se verifica sómente na base e em certos escalões intermediários, mas que — o que é bem mais grave! — atingiu também a Direcção Central e o próprio Secretariado Central.

— Quais terão sido as causas fundamentais deste atraso do nosso trabalho conspirativo?

Em primeiro lugar o excesso de trabalho provocado pela última campanha eleitoral, que obrigou a inúmeras deslocações, reuniões e encontros todos os quadros do P., obrigando-os assim a forçarem certas regras conspirativas desde há muito estabelecidas; em segundo lugar, o facto dos últimos grandes desastres se terem dado há quatro anos, e em condições conspirativas bastante diferentes, o que parecia indicar certa melhoria progressiva do trabalho conspirativo; finalmente, o facto de se ter sub-estimado a importância da noção que as autoridades locais, a GNR e a PSP, estavam desde há muito a prestar à PIDE, o que oferecia a esta última grandes vantagens na sua luta contra o P. e os seus quadros ilegais. Devemos ainda salientar que, vivendo permanentemente o nosso P. num regime de compressão de despesas, devido ao facto das suas receitas não estarem em proporção com a importância das suas tarefas no plano nacional, esta escassez de recursos força por vezes os nossos quadros a praticarem certos erros conspirativos quanto a insolações, nível de vida, deslocações, vestuário, etc. que prejudicam a segurança conspirativa do seu trabalho.

Porém, estes factores, quer tomados um a um, quer tomados no seu conjunto, não poderão justificar o afrouxamento do trabalho conspirativo do P., nem a má defesa dos seus melhores militantes, em qualquer momento da sua luta revolucionária.

— Por acaso a actuação policial, e o evoluir da situação política nacional e internacional poderiam permitir sequer que se afrouxasse a vigilância, se fosse menos rigoroso no cumprimento das regras conspirativas, e se não procurássemos introduzir no nosso trabalho revolucionário novos métodos conspirativos?

O mais superficial exame da evolução política nacional diz-nos que nos dois últimos anos a situação se agudizou consideravelmente, que o fascismo

sente agora, mais do que em 1947, a necessidade de assestar fundos golpes na organização partidária. É que de 1947 para 1949 o trabalho do P. se estruturou melhor, que a sua influência entre as restantes forças democráticas e as massas se consolidou; e que, ao mesmo tempo, o avanço das forças democráticas no mundo, o avanço da crise económica do capitalismo mundial e a crise interna, forçaram o fascismo a tomar novas medidas no combate ao P, por receiar a sua acção, como o demonstra cabalmente a criação do Conselho de Segurança Pública.

Não terá a política externa americana e dos países marshalizados evoluído num sentido mais favorável a uma campanha anti-comunista dentro do nosso País? Não se esforça o salazarismo, através da rádio e da imprensa, em salientar tendenciosamente as perseguições de que os comunistas são alvo em vários países? Não evidencia essa preocupação o objectivo de criar dentro do país um estado de opinião pública favorável à prática de todos os crimes contra os militantes do Partido?

Sim, isto é um facto evidente que a todos os nossos camaradas não tem passado despercebido. No entanto, da base ao topo, não soubemos levar à prática medidas capazes de nos permitirem enfrentar triunfalmente esta nova situação. Continuámos presos a métodos de trabalho que já não correspondiam em grande parte à situação que o P. vivia. Continuámos a ser pouco severos com os camaradas que infringiam determinadas regras conspirativas, que não queriam ver os perigos que essas faltas poderiam trazer ao trabalho revolucionário do Partido. Deixámos, numa palavra, afrouxar a vigilância de classe dentro do Partido.

Poderão alguns camaradas objectar: «os desastres foram ocasionais, não se devem a erros conspirativos». Esta é uma ideia muito perigosa, que a polícia certamente está interessada em espalhar, mas que nós de forma alguma deveremos aceitar. **AS PRISÕES NÃO SE DEVEM AO ACASO, MAS SIM A DEFICIÊNCIAS DO NOSSO TRABALHO CONSPIRATIVO, A UMA MÁ DEFESA DOS NOSSOS QUADROS E APARELHO TÉCNICO.**

O assalto à primeira casa, a do camarada Militão, deve-se à má defesa conspirativa dessa casa do P., que tornou suspeitos os seus moradores aos fascistas da terra, que depois comunicaram as suas suspeitas ao administrador de Águeda, José Soares Feio. Isto quer dizer que a Direcção do P. não acompanhou de perto da vida conspirativa dessa casa, que não soube tomar medidas a tempo de evitar um desastre. Este desastre revela, portanto, falta de vigilância mútua dentro da Direcção do nosso Partido.

Após o assalto a essa casa a polícia ficou no conhecimento duma série de elementos preciosos para o seu trabalho de espionagem (pessoas que iam à casa, forma como ali apareciam, como vestiam, que aspecto físico tinham, que explicações davam, etc, etc.) que permitiram facilmente à polícia chegar à conclusão de que tinha assaltado uma casa do Secretariado Central e quem seriam os seus restantes componentes, e área provável onde se poderiam encontrar outras casas, etc.

Pelo facto de não ter tomado rapidamente as medidas que a situação criada com o assalto à casa do camarada Militão impunham, o Secretariado não conseguiu evitar que uma outra casa, que se encontrava a uns 30 quilómetros daquela, pudesse vir a ser localizada, o que deu origem às prisões dos nossos queridos camaradas Cunhal e Militão. Nessa mesma região a polícia conseguiu localizar uma outra casa do Secretariado onde, por se terem tomado medidas mais prontas, já não encontrou os nossos camaradas, o que não evitou no entanto que aí tivesse colhido novos elementos quanto ao tipo de vida que se fazia nas casas da Direcção Central e às pessoas que as frequentavam.

Estes desastres revelam, portanto, lentidão operativa na defesa conspirativa dos quadros da Direcção Central, certa estagnação quanto a métodos de defesa das casas do P. e também certa sub-estimação dos recursos policiais.

Os desastres que se deram com o aparelho técnico, e que nos roubaram quatro militantes queridos, sendo um deles um quadro de direcção central, evidenciam faltas bem mais graves, pois revelam má defesa conspirativa das instalações (encontros repetidos e em locais impróprios, uso indevido de certas formas de transporte, má vigilância nas deslocações e sub-estimação dos perigos que representavam as deslocações na região de certas pessoas suspeitas) que, na medida em que se acumularam, deram origem à localização pela polícia duma área suspeita, e dentro desta, à cooperação com a polícia das

autoridades e fascistas locais.

Ainda aqui neste desastre se revelou falta duma pronta actuação e de rápidas medidas de defesa. Depois dos desastres de Águeda e do Luso a experiência dizia-nos que a polícia recorreria aos fascistas e às autoridades locais para lhe facilitarem a localização das casas do P.. Ora tendo sido observadas semanas antes coisas bastantes suspeitas na região, e tendo sido assinalada a presença da polícia também na região, não somente se não tomaram as medidas que a situação impunha, como inclusivamente se consentiu que se encontrassem numa casa dois casais de funcionários.

Foram, fundamentalmente, estes erros conspirativos que determinaram as perdas que o P. sofreu. Eles deverão servir-nos de lição (outra lição!) para que não sejam repetidos, para que sejam um incentivo poderoso para uma melhoria substancial e, todo o nosso trabalho conspirativo.

Em todo o P. se deverão discutir a fundo estas e outras faltas conspirativas, não se limitando cada organismo partidário a constatar as faltas aqui apontadas, mas sim analisando largamente os seus próprios erros, verificando até que ponto os militantes que dele fazem parte corrigiram já as suas faltas e melhoraram o seu trabalho conspirativo.

Ao trazer aqui as faltas conspirativas cometidas pelos quadros centrais, a Direcção do Partido fá-lo dentro do princípio leninista da crítica e da auto-crítica, e não teme as críticas fáceis nem a maledicência dos mal intencionados nem dos inimigos do Partido. Fá-lo para que, com a análise desses erros e com a sua crítica, o trabalho geral do nosso P. melhore consideravelmente, para que o nosso P. continue a merecer a confiança da classe operária e do povo português, para que possa vencer triunfalmente, como sempre tem vencido, mais esta curva no duro caminho que nos conduzirá até à vitória final sobre os inimigos do povo e de Portugal.

INTENSIFIQUEMOS A MOVIMENTAÇÃO DA CLASSE OPERÁRIA LUTANDO CONTRA O DESEMPREGO, PELO PÃO E PELO TRABALHO PARA TODOS!

As previsões e advertências feitas pelo P. ao dizer que o salazarismo estava conduzindo as massas trabalhadoras para uma situação de mais fome e mais miséria, confirmam-se de dia para dia.

Sem nos determos com comentários ao que está sucedendo com outras camadas da população laboriosa quanto ao agravamento das suas condições de vida (sobretudo entre os trabalhadores agrícolas do Alentejo e Ribatejo), mas focando somente a situação da classe operária, constatamos que de muitas fábricas e oficinas continuam a ser despedidos milhares de trabalhadores de ambos os sexos, uns lançados totalmente no desemprego, sem pão e sem nenhuma protecção para si e para suas famílias; outros lançados no desemprego parcial, porquanto lhe são reduzidos os dias de trabalho. Esta é a situação nas indústrias da Cortiça, Têxtil, Conservas, Construções e Reparações Navais, Curtumes, Metalurgia, Construção Civil, etc. Bem se pode deduzir daqui que para a classe operária, para todos os trabalhadores dos transportes, do vestuário e calçado, vidreiros, etc., não se poderá esperar melhor sorte.

O poder de compra das classes trabalhadoras é cada vez mais reduzido, pois o salazarismo faz descarregar sobre os ombros dos trabalhadores todas as consequências da crise económica que está lavrando por todo o país.

Em virtude desta situação e do crescente descontentamento das massas trabalhadoras, e sobretudo de algumas acções de massas, o governo viu-se obrigado a fazer novas promessas e a conceder algumas verbas que pouco ou nada valerão para atenuar a situação aflitiva dos trabalhadores desempregados.

dos da agricultura e da indústria! Tudo quanto os salazaristas prometam e fazem neste sentido, só pode ter como objectivo principal tentar abafar a revolta e a luta que crescem de dia para dia, e que poderão comprometer a sua segurança no Poder.

Mas perguntamos: Que têm feito as organizações do P. no sentido de esclarecer a classe operária e as massas trabalhadoras quanto à melhor forma de se movimentarem para a defesa dos seus interesses? Podemos afirmar que muitas organizações do P., em relação à classe operária e nas circunstâncias actuais, muito pouco têm feito. Daqui pode resultar — além do mais — **o perigo do P. poder ser ultrapassado pela iniciativa das massas, em vez de se manter à sua frente, como o exige o seu papel de dirigente da classe operária e das massas trabalhadoras.**

Quais as tarefas que se colocam, por consequência, às organizações do P. no que se refere ao sector industrial e aos desempregados?

1.º — Esclarecer as massas trabalhadoras da exacta situação que o salazarismo lhes está criando; que o desemprego, fome e miséria tendem a aumentar. Auscultar as suas necessidades, aspirações e disposições para a luta, e partir destas bases para um melhor trabalho de organização e de movimentação. Por outro lado vincar bem perante a classe operária e todos os trabalhadores que a **UNIDADE** de todos e a **LUTA** são as melhores armas que têm à mão para a conquista de melhores condições de vida e lutarem contra a nova ofensiva salazarista.

2.º — Que as Comissões de Unidade conduzam as massas junto do patronato, do Instituto Nacional do Trabalho, dos Sindicatos, dos Grémios, das autoridades locais, e aí protestem contra novos despedimentos e exijam a readmissão do pessoal despedido.

3.º — Que o P. assegure a ligação estreita com todos os desempregados, os organize e movimente. Que sejam criadas Comissões de Unidade de Desempregados e que estas comissões conduzam os desempregados para concentrações junto das empresas onde trabalhavam, junto do Instituto Nacional do Trabalho, dos Sindicatos, Grémios e autoridades locais, exigindo pão e trabalho, ou um subsídio com que possam fazer face às suas necessidades e de suas famílias.

4.º — Ao mesmo tempo as Comissões de Unidade não deverão descurar a luta pelo aumento de salários, exigindo aumentos de harmonia com o custo da vida (que se tem agravado ultimamente) ao mesmo tempo que lutam também para que todas as reivindicações económicas e sociais dos trabalhadores sejam atendidas.

5.º — As organizações do P. devem ter muito em conta a elevada percentagem de mulheres que existe em algumas indústrias, como sejam a das conservas, têxtil e outras, e que estas mulheres, sendo muitas delas ao mesmo tempo operárias e donas de casa, são por esse facto quem suportam o maior peso das dificuldades e sofrimentos impostos aos trabalhadores. Não devendo esquecer que em todos os movimentos populares elas têm tido um importante papel. Por isso mesmo deverá haver mais atenção por parte de todos os militantes, organizando e dirigindo melhor as mulheres trabalhadoras. Por isso se insiste na formação de comissões de mulheres, ou comissões mistas de homens e mulheres, segundo o determinem as circunstâncias, para dirigirem a luta das mulheres e de todos os trabalhadores por melhores condições de vida.

6.º — As organizações do P. devem igualmente ter em conta e dedicar especial atenção à juventude trabalhadora, à sua imediata mobilização para a luta. Para isso não deverão esquecer que a juventude tem aspirações e reivindicações próprias, tendo sempre muito presente os seus baixos salários, mesmo fazendo trabalho igual ao dos adultos. Deverão ter sempre em conta o espírito combativo dos jovens, demonstrado tantas vezes em lutas anteriores. Por isso o P. deve agir no sentido de serem formadas mais comissões de jovens trabalhadores que lutem pela satisfação das suas reivindicações, e que ao lado dos seus irmãos adultos lutem pela defesa dos interesses das massas trabalhadoras portuguesas.

7.º — Dado o facto da crise estar afectando duma forma mais aberta que nunca a pequena e média indústria, agricultura e comércio, ao P. se impõe a tarefa de analisar a situação, discutir e tomar medidas tendentes à formação de comissões compostas por trabalhadores e representantes destes sectores

laboriosos do país, na base de reivindicações concretas, sempre que os interesses e a luta sejam efectivamente comuns. A classe operária, tendo à sua frente o P., deve entrar numa política mais aberta de unidade com os pequenos industriais e comerciantes, vítimas como ela da política a favor dos monopolistas nacionais e estrangeiros do governo de Salazar.

Entretanto o P. deve agir com a finalidade bem expressa de que em tais organismos de unidade o papel dirigente cabe à classe operária, que é a ela que cabe orientar a luta. A classe operária não se deve deixar influenciar por qualquer orientação ou forma de luta que não tenha essencialmente em vista o fortalecimento da Unidade e da luta geral pelo derrubamento do salazarismo, e a satisfação das suas próprias reivindicações. **Esta orientação não deve significar, pois, um abrandamento da luta junto do patronato pelo aumento dos salários e por outras reivindicações operárias.**

Toda a luta da classe operária, toda a luta dos trabalhadores portugueses, independentemente de servir os seus interesses imediatos, fortalecerão a Unidade de todos os democratas portugueses, mostrar-lhe-ão novos caminhos na luta contra o salazarismo, contribuirão enormemente para a conquista da Liberdade e da Democracia para Portugal.

Novas e grandes tarefas estão colocadas ante o nosso P.. Ele disfruta dum maior prestígio e maior confiança do povo. Os comunistas têm de dar novos exemplos, têm de saber cumprir os seus deveres.

SAIBAMOS APROVEITAR AS EXPERIÊNCIAS DOS NOSSOS ERROS E DEFICIÊNCIAS

Firmes e unidos na defesa da linha e orientação geral do Partido



A poucos meses de novas lutas políticas no terreno das eleições para as Juntas de Freguesia e para a chamada Assembleia Nacional, é de todo o interesse determo-nos um pouco sobre algumas debilidades do Partido verificadas durante a Campanha pela Candidatura do Sr. General Norton de Matos.

No decorrer desse importantíssimo Movimento Nacional, houve camaradas que se deixaram influenciar pelas ideias dos oportunistas derivando daí graves vacilações políticas que convém serem analisadas por todo o Partido, e muito principalmente pelos camaradas e organizações onde tais influências se manifestaram.

Receando uma possível quebra de Unidade e o isolamento do nosso Partido das restantes forças democráticas, alguns camaradas não foram suficientemente firmes na defesa da linha do Partido nem da transposição desta para a prática e nem mesmo na defesa da orientação geral do Movimento, expressa pelo próprio Candidato no seu manifesto «A Nação».

Não viam estes camaradas que a defesa da Unidade não estava na política de caciquismo, de tudo fazer depender da vontade de meia dúzia de senhores, mas sim em ligarem cada vez mais a sua actividade às massas e de junto delas desmascaram as manobras dos oportunistas, popularizando entre elas a orientação do Partido. E assim não havia lugar para recear o enfraquecimento da Unidade e muito menos o isolamento do Partido.

Se tivessem sido postas em prática as medidas constantemente indicadas pela Direcção Central do Partido, que consistiam no estreitamento da ligação com as massas, na organização dum maior número de Comissões Eleitorais, principalmente entre as massas trabalhadoras, com a participação mais activa destas na preparação dos comícios e assembleias, etc., ter-se-iam desmascarado e esborraçado facilmente os divisionistas e traidores, verdadeiros agentes do governo anilhados nos organismos dirigentes da Candidatura; teriam sido popularizadas convenientemente, entre as massas, as condições mínimas; ter-se-ia consequentemente fortalecido o Movimento e a Unidade entre os democratas e finalmente criado as condições para a transformação rápida do Movimento da Candidatura no Movimento Nacional Democrático.

Quais eram, pois, as ideias defendidas por aqueles nossos camaradas?

Diziam eles que o Partido não devia desmascarar esses «democratas» porque se tinham coisas más também as tinham boas, que isso poderia levar muitos a combaterem o Partido, a romperem a Unidade; que tínhamos que ser «brandos», que o Partido não deveria declarar que seria uma **traição** ir-se às urnas sem a satisfação das condições mínimas, e, alguns declararam mesmo que se as restantes forças democráticas (nota! bem que se tratava de forças por cima e não da massa dos democratas portugueses) resolvessem ir às «eleições», eles, como comunistas diriam que não concordavam, mas que os democratas votariam, porque assim, diziam, não se quebraria nem a Unidade dos democratas nem a disciplina do Partido. Segundo eles ficavam a um tempo de bem com Deus e com o Diabo e demonstravam, com clareza meridiana, dizemos nós, a sua falta de confiança na força e prestígio do Partido e nas massas; punham a claro todo o seu oportunismo e espírito de conciliação com os inimigos da verdadeira Unidade e do povo. **Que bela lição lhes foi dada tanto na reunião dos delegados no dia 8 de Fevereiro como, com mais força ainda pelo povo no dia das «eleições».**

A linha política e a orientação geral do Partido foram assim postas brilhantemente à prova quer perante os democratas, quer por aqueles poucos camaradas a que nos vimos referindo.

Como já o assinalamos em vários documentos, esses camaradas mostram compreender muito mal, em primeiro lugar, os princípios que regem o nosso Partido: obrigatoriedade de todos os seus membros cumprirem e defenderem na sua actividade prática, a linha política e a orientação geral do Partido, subordinação dos organismos inferiores aos superiores, acatamento da disciplina do Partido, defesa e fortalecimento da Unidade interna do Partido, etc., etc., e, em segundo lugar, que a defesa da Unidade com as restantes forças democráticas estava, sim, em se defender intransigentemente e fazer triunfar uma orientação justa (a orientação do seu Partido), e não a orientação e concepções daqueles que estavam tentando por todas as formas arrastar as forças democráticas e a grande massa do povo que as apoiava e seguia, para o atoleiro indicado pela camarilha salazarista. Por outro lado, confundiam a necessidade de flexibilidade, de compreensão e até de transigência aqui e ali com «brandura» — brandura essa que não significava outra coisa que esconder da grande massa democrática do nosso povo as manobras dos seus inimigos jurados, vestidos para o caso com roupagens democráticas. Ora o papel do Partido não é esse.

O Partido Comunista tem que saber indicar o justo caminho às massas e marchar à sua frente em todos os aspectos da luta e particularmente quando a luta é mais difícil e dura, pois só assim está em condições de imprimir uma orientação justa à luta e ser efectivamente uma força de vanguarda. Se o Partido Comunista não sabe indicar às massas quem são os seus inimigos e mostrar-lhes quem são os seus amigos, se não sabe educá-las e alertá-las no sentido de não as deixar arrastar para o caminho da passividade e do compromisso, de evitar que os seus inimigos jurados as amarrem de pés e mãos para melhor consumarem os seus desígnios inconfessáveis, o Partido Comunista deixará de ser um partido verdadeiramente revolucionário, de vanguarda, para se transformar num vulgar partido reformista burguês.

Como foi, pois, possível medrarem em algumas organizações do Partido as ideias e concepções a que nos vimos referindo?

Foi possível, em primeiro lugar, pela extrema debilidade do trabalho organizado de massas. A este respeito é bastante característico o manifesto da Organização de Lisboa sobre o 31 de Janeiro. A sua publicação pode filiar-se, sem grande custo, numa certa impotência da Direcção de Lisboa para a mobilização das massas. A Direcção da Organização de Lisboa não teve em conta a situação política de então; não soube analisar com justeza as perspectivas de luta existentes. Do manifesto se pretendia fazer depender a mobilização das massas para a jornada do 31 de Janeiro, quando existiam bastantes condições para a mobilização de massas à base do Movimento então no apogeu — tudo estava em se não querer o descêvel mas sim o possível.

A publicação do manifesto caracterizou-se por um autêntico erro de tática política, pois veio dar o flanco, não só ao governo que temia quaisquer manifestações de massas de rua, como também a todos os inimigos do Partido, que encontraram no manifesto um belo pretexto para intensificarem as suas calú-

nias contra o Partido e impedirem as manifestações de massas.

A Direcção Central do Partido, tendo previsto com antecedência o aparecimento de concepções oportunistas, não soube estar vigilante e atenta para aplicar as medidas convenientes à sua eliminação, por meio de uma discussão ampla de esclarecimento e pela aplicação prática e imediata de medidas disciplinares. Só tarde entrou por este justo caminho. E se é certo que os resultados não se fizeram esperar, não é menos certo que ainda se não conseguiu eliminar completamente essas concepções estranhas ao Partido do proletariado. Elas criaram fundas raízes em alguns camaradas. Aqui e ali, ainda aparecem camaradas a defenderem que não foi justo o Partido ter «perdido tempo» com um Prestes Salgueiro, um Lima Alves, um Ramada Curto, etc, etc, porque, dizem aqueles camarada, estes senhores não têm estofo político, ninguém lhes liga importância, ninguém os acredita, etc..

Seguir uma tal orientação seria desarmar as massas e deixar crescer a teoria da conciliação, que tantos e amargos prejuízos tem causado ao proletariado e ao povo. Esses camaradas esquecem-se que a luta entre as forças progressivas e as forças da reacção cada vez se agudiza mais, e com mais força ainda se agudiza a luta de classes. Esquecem que o dever do nosso Partido Comunista não está só em saber traçar uma orientação justa para cada movimento dado, mas também em saber defender a sua aplicação prática na luta de todos os dias. Portanto, há que desmascarar impiedosamente todos aqueles que procurem transportar para dentro do Movimento Nacional Democrático e da Unidade Nacional Anti-Fascista idéias e concepções estranhas a elas.

O Partido Comunista afastará das suas fileiras todos aqueles camaradas que persistam, depois de esclarecidos, em defenderem idéias e concepções estranhas ao Partido e em seguirem uma orientação política contrária á indicada pelo Partido e pelos seus organismos dirigentes.

Saibamos aproveitar as experiências das lutas passadas para melhor organizarmos e dirigirmos as lutas futuras.

As Comissões Democráticas Eleitorais base orgânica do Movimento Nacional Democrático

Nas Comissões eleitorais deram as suas provas como autênticos organismos populares de luta durante a Campanha pela Candidatura do Sr. general Norton de Matos, como antes as tinham dado as Comissões de Unidade Democrática na luta por Eleições Livres.

Sem a existência dessas Comissões populares de luta pelas liberdades fundamentais, nunca o MUD como depois o Movimento pela candidatura teriam alcançado a grandeza e a combatividade que os caracterizou. Tanto num caso como no outro, só o Partido defendeu desde a primeira hora a constituição destes organismos por todo o país, em todas as classes e fundamentalmente nas classes trabalhadoras.

Contra esta justa orientação, provada na prática como a única capaz de levar o nosso povo à conquista da Liberdade e da Democracia, levantaram-se os oportunistas de todas as variantes e mesmo muitos «democratas» que, conseqüentes consigo mesmo, continuavam a considerar o povo como um rebanho sem voz activa e sem vontade própria. A participação das massas populares na luta de forma organizada era ontem, como o é hoje, um estorvo aos seus planos políticos inconfessáveis.

Apesar de derrotados nas lutas anteriores eles persistem em manter hoje esta concepção verdadeiramente castradora da vontade de luta do nosso povo. Claro que estão no seu direito e longe de nós querê-lo negar. Mas nós também estamos no nosso direito de defender que a última palavra pertence ao povo, às massas, e que essa palavra só pode ser dada com a devida força.

desde que sejamos capazes de as ensinar a o organizarem-se numa potente organização de massas. Essa é a nossa tarefa, é a tarefa de todos aqueles que não temem o povo e que confiam nêlo. Intensifiquemos pois, a organização das massas nas Comissões Democráticas.

A ORGANIZAÇÃO É A ARMA DA VITÓRIA

A experiência de todas as lutas do nosso povo ensinam-nos que, sem uma forte organização enraizada nas massas populares e alimentada pelo seu espírito combativo, é impossível criar um movimento capaz de obter vitórias parciais sobre o inimigo, as quais conduzirão finalmente à vitória final sobre o mesmo. Sem uma forte organização de nada vale uma orientação política justa. A orientação justa será levada à prática e vitórias sobre o fascismo serão alcançadas se soubermos e formos capazes de, juntamente com todos os democratas consequentes, criar uma potente organização legal de massas.

Para revigorar e alargar o Movimento Nacional Democrático é condição indispensável que os comunistas dêem provas de iniciativa e de espírito de organização, fomentando a organização, e organizando, êles mesmos, Comissões Democráticas por toda a parte: Comissões de fábrica, de empresa, de rua, de aldeia, de freguesia; concelhias e distritais, etc.. Ao mesmo tempo é necessário mobilizar todos os sinceros democratas para apoiarem e defenderem as Comissões já existentes dos assaltos e manobras dos divisionistas e sabotadores.

COMISSÃO FORMADA, COMISSÃO A ACTUAR

As eleições para as Juntas de Freguesia abrem grandes perspectivas ao Movimento Nacional Democrático. Mas, para isso, é necessário que os democratas (com os comunistas à cabeça) compreendam que não se trata de eleger uma Junta de Freguesia qualquer. Trata-se, sim, de eleger uma Junta para lutar pela defesa dos interesses e conquista das reivindicações dos paroquianos. Mas, para isso, é condição indispensável que se compreenda igualmente que sem uma potente e extensa rede de Comissões Democráticas combativas e dinâmicas — sem a existência de uma potente organização legal de massas é impossível elegerem-se Juntas de Freguesia desse tipo, de tipo popular.

Não se trata, pois, de se constituírem Comissões Democráticas sem perspectivas de actuação imediata. Ao contrário as suas tarefas imediatas são muitas e variadas: Elaboração imediata dos **Cadernos Reivindicativos Eleitorais** para cada freguesia nos quais estejam expressas, por ordem de urgência e de interesse, as obras e melhoramentos que a maioria da população local deseja; para serem postas à discussão de todos os interessados para sua aprovação final; elaboração das listas dos possíveis candidatos às Juntas, compostas por homens de reconhecida honestidade e combatividade e popularização das mesmas entre a população das respectivas freguesias para aprovação final — os candidatos devem ser do povo e não de si mesmos; intensificar os protestos contra as irregularidades do recenseamento; continuar a exigir, cada vez com mais vigor um recenseamento honesto e livre de todas e quaisquer peias burocráticas; continuar a exigir liberdade de propaganda, de reunião, de imprensa, de organização dos partidos políticos, etc. etc. Levantar cada vez mais alto a bandeira da luta por Eleições Livres.

Estas são algumas das tarefas imediatas das Comissões Democráticas que os comunistas não podem nem devem esquecer durante um momento sequer, como não devem esquecer que para as levar à prática é necessário serem os mais consequentes fomentadores e organizadores de mais e mais Comissões Democráticas.